

Crenças são coisas emprestadas, a confiança é sua

A confiança só pode existir se, primeiro, você confia em si mesmo. Tudo aquilo que é mais fundamental precisa acontecer primeiramente em seu interior. Se você confia em si mesmo, poderá confiar na existência. Porém, se não confia em si mesmo, nunca poderá confiar em nada.

E o que a sociedade faz é extirpar a sua confiança pela raiz. Ela não permite que você confie em si mesmo. Ela lhe ensina todas as outras formas de confiança – a confiar nos pais, a confiar na Igreja, a confiar no Estado, a confiar em Deus, e assim eternamente. Mas a sua confiança essencial é completamente destruída. Por isso, todas as outras formas de confiança são falsas, e estão fadadas a ser assim. Elas não passam de flores de plástico – pois você não tem raízes de verdade para que flores de verdade possam crescer.

A sociedade faz isso deliberadamente, de propósito, porque uma pessoa que confia em si mesma é um perigo para uma sociedade como essa – uma sociedade que depende da escravidão, que já investiu muito na escravização coletiva.

Um homem que confia em si mesmo é um homem livre. Ele é imprevisível, age à sua maneira. A liberdade é a sua vida. Quando sente algo, confia; quando ama, confia – sua confiança é carregada de intensidade e verdade. É uma confiança viva e autêntica. E ele está disposto a arriscar tudo em nome dela – sim, mas só quando realmente sente que é de verdade, só quando o seu coração se move, só quando a sua inteligência e o seu amor se movem; de outra forma, não. É impossível lhe impor qualquer tipo de crença.

• • •

A crença é teórica.

A confiança é existencial.

Você pode trocar de crença sem nenhum problema; é como trocar de roupa. Você pode deixar de ser hindu e se tornar cristão; pode deixar de ser cristão e se tornar muçulmano; de muçulmano, pode se tornar comunista — não importa, pois a crença é algo que existe apenas na sua mente. Se, por acaso, aparecer algo mais convincente, mais lógico, você pode substituí-la facilmente. Ela não tem raízes no seu coração.

As crenças são como flores de plástico, que se parecem com flores de verdade apenas quando vistas de longe. Elas não têm raízes, não exigem nenhum cuidado — não precisam de adubo, de fertilizante, de podas, de irrigação; não precisam de nada. E ainda por cima são eternas; elas podem permanecer com você por toda a sua vida — afinal, como elas nunca nasceram, nunca morrerão. Elas foram fabricadas. E, a menos que alguém as destrua, continuarão sempre a existir.

A confiança é uma rosa de verdade. Ela tem raízes, e essas raízes penetram profundamente no seu coração e no seu ser.

A crença está apenas na cabeça.

A confiança está no coração, no núcleo mais profundo do seu ser. É praticamente impossível substituir a confiança por outra coisa — isso nunca aconteceu, não se sabe de um caso assim em toda a história da humanidade. Quando você confia, você confia; não tem como mudar isso. E a confiança continua sempre a crescer, pois ela tem raízes. Ela nunca permanece estática; ela é dinâmica, é uma força viva, que segue desenvolvendo novas folhagens, novas flores, novos ramos.

• • •

A coisa mais difícil na vida é abandonar o passado — porque abandonar o passado significa abandonar toda a nossa identidade, toda a nossa personalidade. Significa renunciar a si mesmo. Porque você é o seu passado; você não é nada mais do que os seus condicionamentos.

Largar o passado não é tão simples como trocar de roupa — na verdade, é como se a sua própria pele estivesse sendo arrancada. O seu passado é tudo o que você conhece de si. E abandoná-lo não é fácil, é um trabalho árduo — é a coisa mais difícil que existe. Mas somente quem se atreve a fazer isso é que vive de verdade. Os demais apenas fingem que vivem, eles simplesmente vão se arrastando de alguma forma por aí. Não têm nenhuma vitalidade, nem poderiam ter. Eles vivem no mínimo, e viver assim é desperdiçar a coisa toda.

O florescimento só acontece quando você vive o seu potencial ao máximo. Deus só se manifesta quando o seu ser e a sua verdade atingem a sua máxima expressão — aí, sim, você começa a sentir a presença do divino.

Quanto mais você desaparece, mais você sente a presença do divino. Mas essa presença só é sentida mais tarde. A primeira condição a ser cumprida é esta: que você desapareça. É uma espécie de morte.

Por isso é tão difícil. Veja bem, os seus condicionamentos estão arraigados de forma muito profunda — desde sempre você vem sendo condicionado; bastou você nascer, e o condicionamento começou. Então, no momento em que você fica um pouco mais alerta, em que começa a se dar conta das coisas, os condicionamentos já se instalaram no âmago do seu ser. Nesse sentido, enquanto você não penetrar no núcleo mais profundo do seu ser — o centro que não foi condicionado, que é anterior aos condicionamentos —, enquanto não recuperar o seu silêncio e a sua inocência, você nunca vai saber realmente quem você é.

Você pode até saber que é hindu, cristão, comunista; pode saber que é indiano, chinês, japonês, e tantas outras coisas – mas tudo isso são apenas condicionamentos que lhe foram impostos. Você veio ao mundo como um ser profundamente silencioso, puro, inocente. Sua inocência era absoluta.

Meditação significa penetrar nesse núcleo, o centro mais essencial do seu ser. Os praticantes do zen chamam isso de conhecer o seu “rosto original”.

• • •

Cada um de nós nasce como um ser individual. Porém, quando estamos maduros o suficiente para tomar parte na vida, já nos tornamos apenas uma parte da multidão. Se você simplesmente se sentar em silêncio e escutar a sua mente, vai perceber diversas vozes em seu íntimo. E ficará surpreso ao notar que consegue reconhecer perfeitamente de onde vem cada uma delas. Uma voz é do seu avô; outra é de sua avó; uma voz é do seu pai; outra é de sua mãe; outras são do sacerdote, do professor, dos vizinhos, de seus amigos, de seus inimigos... Todas essas vozes estão misturadas numa multidão tão confusa em seu interior que é quase impossível você descobrir a sua própria voz; a multidão é grande demais.

Na verdade, já faz muito tempo que você se esqueceu da sua própria voz. Nunca lhe deram liberdade para expressar as suas opiniões. Sempre lhe ensinaram apenas a obedecer. Você foi doutrinado a dizer sim para tudo o que os mais velhos lhe diziam. Foi ensinado a obedecer a qualquer coisa que os seus professores ou os seus sacerdotes pudessem. Nunca lhe disseram para descobrir a sua própria voz, ninguém jamais lhe perguntou: “Você tem uma voz própria ou não?”

Com isso, a sua voz permaneceu sempre calada, enquanto as demais continuavam falando alto, de forma autoritária – tudo

isso porque essas vozes eram ordens que lhe deram e, a despeito de si mesmo, você sempre as acatou. No fundo, você não tinha a menor intenção de obedecer, pois percebia que aquilo não era certo. No entanto, é preciso ser obediente para ser respeitado, para ser aceito, para ser amado.

Só está faltando uma voz em seu interior, falta só uma pessoa; e essa pessoa, claro, é você mesmo – de resto, existe uma multidão inteira aí. E o que essa multidão faz, o tempo todo, é apenas deixá-lo maluco. Pois, enquanto uma voz diz “Faça isso”, chega outra e diz “Nunca faça isso! Não ouça aquela voz!” E o resultado é que você se torna uma pessoa cindida.

Essa multidão precisa ser totalmente removida. Você tem que dizer a ela: “Me deixe em paz!” Todos aqueles que, um dia, já se retiraram para as montanhas, ou para alguma floresta isolada, não queriam meramente se afastar da sociedade. Na verdade, o que eles buscavam era encontrar um lugar onde pudessem dispersar essa multidão interna. Acontece que, obviamente, todas essas pessoas que fizeram uma morada dentro de você estão relutantes em sair.

Agora, se você quer se tornar um indivíduo que é dono de si, se quer se livrar desse eterno conflito, dessa balbúrdia de vozes em seu interior, tem que dizer adeus a todas elas – mesmo que elas pertençam ao seu respeitável pai, à sua mãe, ao seu avô. Não importa a quem elas pertençam, uma coisa é certa: essas vozes não são suas. São vozes de pessoas que viveram a sua própria época, mas que não tinham a menor ideia de como seria o futuro. Elas sobrecarregam seus filhos ao lhes passar o peso de suas próprias experiências, sem saber que essas experiências nunca vão coincidir com um futuro que é desconhecido.

Elas acham que estão ajudando-seus filhos – a se tornarem pessoas cultas, espertas, para que a vida deles seja mais fácil e confortável –, mas o fato é que estão fazendo justamente o contrário. Com todas as boas intenções do mundo, o que fazem é

destruir a espontaneidade da criança, sua consciência, sua capacidade de se sustentar sobre as próprias pernas e, ainda, de responder às demandas de um futuro do qual os seus ancestrais não faziam a menor ideia.

A criança vai enfrentar novas tempestades, encarar novas situações, e, para que consiga responder a isso tudo, precisará de uma consciência inteiramente nova. Só assim a sua resposta será frutífera; só assim ela poderá ter uma vida vitoriosa, uma vida que não seja apenas um longo e cansativo desespero, mas uma dança que, a cada momento, torna-se mais e mais profunda, até o último suspiro. A pessoa entra na morte dançando, e alegremente.

Fique em silêncio, e descubra o seu próprio ser. A menos que descubra o seu próprio ser, será muito difícil expulsar a multidão, pois todas as vozes nessa multidão estão fingindo ser você – elas dizem: “Eu sou o seu ser verdadeiro”. E você não tem como concordar ou não.

Assim, não brigue com essa multidão. Deixe que essas vozes briguem entre si – elas sabem muito bem como brigar umas com as outras. Enquanto isso, procure conhecer a si mesmo. Uma vez que você saiba quem é, pode simplesmente mandar que elas saiam de sua casa – é simples assim! Mas, primeiro, você tem que conhecer a si mesmo.

Quando você está presente, o dono da casa também está. E todas aquelas pessoas, que fingiam ser os senhores da casa, começam a desaparecer. A pessoa que é ela mesma, que se livrou do fardo do passado, que se desatou do passado, que é original, forte como um leão e inocente como uma criança... essa pessoa pode alcançar as estrelas, ou até mesmo ir além delas; seu futuro é de ouro.